

Mizrahi pode ser considerada como uma construção narrativa que nos apresenta o resultado de uma pesquisa e, ao mesmo tempo, como uma ação criativa que dá espaço às ambiguidades e produz um universo complexo e parcialmente conectado por meio da descrição minuciosa das relações e das mediações implicadas no fazer artístico.

DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p468>

OAKDALE, Suzanne & COURSE, Magnus (eds.). 2014. *Fluent selves: autobiography, person, and history in Lowland South America*. Lincoln & London: University of Nebraska Press. 320 pp.

Diogo Henrique Cardoso

Graduação em antropologia, IFCH/Unicamp

Novas abordagens antropológicas, apontando para uma intrínseca relação entre gêneros narrativos, sistemas cognitivos e consciência histórica, têm demonstrado que as sociedades não diferem entre si apenas na forma ou na organização de suas instituições e costumes, mas também quanto aos processos interpretativos da experiência humana. Aliás, a diversidade desses processos e das maneiras peculiares pelas quais damos significado ao que somos e ao que fazemos é justamente o que parece determinar esta diferença formal, conferindo à criatividade social um ritmo fluido.

A coletânea em questão, organizada por Suzanne Oakdale (University of New Mexico) e Magnus Course (University of Edinburgh), expõe este fato através de um estudo que mescla o melhor da antropologia e da linguística contemporâneas. Por meio de uma habilidosa interpretação de narrativas (auto)biográficas, coletadas em uma dezena de comunidades indígenas no Brasil, Chile, Equador e Peru, *Fluent*

selves consegue celebrar – para retomar o verso de um poema de Kenneth Rexroth (“Lute music”) que inspira o título do livro – “the endless epiphany of our fluent selves” [em trad. livre “A epifania infinita de nossas identidades fluidas”].

Trazendo para o centro do debate o vínculo entre dinâmica cultural e narrativa, isto é, entre processos de mudança ou reprodução social e formas discursivas, este livro contribui para uma revisão do significado atribuído aos efeitos de que convencionalmente chamamos de transformação ou evento histórico sobre a consciência individual e as representações sociais.

Nesse sentido, os autores reunidos neste volume analisam os processos prático-cognitivos envolvidos na enunciação de uma experiência social do tempo, focalizando nos movimentos de ação e reação mútuos entre *socius* indígena e contingência histórica. Por este caminho, fazem-nos ver os modos específicos e/ou compartilhados de significação não só do passado, mas também do presente e do futuro, colocados em prática por tais comunidades através de seus relatos orais. A questão, portanto, é a de saber como as narrativas (auto)biográficas indígenas evidenciam esses processos e os modos pelos quais povos e pessoas se relacionam uns com os outros na América do Sul indígena.

Haja vista a escassez de trabalhos que abordem as (auto)biografias no estudo desses povos, *Fluent selves* chega também para preencher uma lacuna. Dessa forma, vemos surgir, por um lado, uma sólida base documental para pensarmos as relações entre tais narrativas, os mitos e a história dessas comunidades e de seu continente; por outro, cria-se uma abertura complementar para se pensarem novos temas e outros já em debate na literatura antropológica, como, por exemplo, a formação da pessoa e a corporalidade, os

efeitos do contato, o desenvolvimento e a dinâmica de sistemas regionais, entre outros.

Para chegarem até aí, os autores (uma dezena também, conforme o número de povos) dividem seus textos em quatro seções. Tem-se, assim, uma diversidade de sujeitos tanto no tema quanto na produção teórica e escrita, já que autores e interlocutores provêm de diferentes tradições: disciplinares e nacionais para uns, étnicas e culturais para outros.

Na primeira delas (Niether Myth nor History), os autores frisam a centralidade da experiência pessoal no engajamento histórico proporcionado por essas narrativas, em paralelo com relatos mitológicos e históricos. No cap. I, Casey High utiliza-se do exemplo waorani (Amazônia Equatorial) para analisar como narrativas biográficas que abarcam experiências de violência colonial ou intergrupar tornam-se parte de um repertório cultural, servindo de base para a expressão de uma temporalidade específica a este coletivo de pessoas. Neste contexto, as figuras da vítima, do civilizado e da predação tornam-se centrais para pensarmos os modos como os Waorani representam a si mesmos e aos outros.

No cap. II, Peter Gow analisa o que denomina de "narrativas sobre experiências pessoais exemplares" entre o povo Piro (Aruak/Peru). Nessas histórias, profundamente vinculadas a um tipo de discurso testemunhal feito em primeira pessoa, são referenciados eventos aos quais os atores atribuem intensa afetividade e carga moral e que, na grande parte dos casos, estão associados a um encontro perigoso de algum antepassado ou indígena contemporâneo com um "ser-outro", exterior à sua comunidade. Neste ponto, personagens como colonos e funcionários estatais, afins e inimigos, "espíritos" e animais dão-nos acesso à vida particular indígena através de uma

relação dialógica que frisa a multiplicidade e os deslocamentos espaço-temporais.

Já no cap. III, Hanne Veber aponta o fato de que narrativas sobre o passado variam segundo o gênero cultural e o contexto em que são expressas – a história de um mesmo fato vindo a ter, inclusive, mais de uma versão devido à diferença de pontos de vista dos interlocutores. Através do exemplo de autobiografias asháninka (Amazônia peruana), a autora mostra como podemos observar e pensar mudanças e continuidades estruturais em contextos de colonização, missionarização e de intensa interação regional, atentando ao mesmo tempo para os modos como indígenas e não indígenas se reconhecem como atores ativos de tais processos.

A segunda seção do livro (Persons without Persons) complementa a precedente, aprofundando a relação entre as noções de pessoa e as teorias da temporalidade. Nela, Pedro de Niemeyer Cesarino (cap. IV) observa o desdobramento do significado da "pessoa humana" para os Marubo (povo Pano, Amazônia brasileira), a partir de uma análise das relações entre cosmologia e xamanismo no processo de (des)construção da individualidade indígena. De outro lado, Magnus Course (cap. V) descreve a formulação da identidade pessoal como um processo de revezamento entre individualização e diferenciação do eu-indígena relativamente a outros seres, humanos e não humanos. Aponta, desse modo, para a complementariedade entre um modelo singularizante e um modelo relacional na compreensão da "pessoa ameríndia", propondo um complemento ao já conhecido modelo perspectivista.

A terceira seção (Creating Sociality across Divides) é dedicada ao estudo dos efeitos sociais dessas narrativas na vida das comunidades de seus interlocutores. Aqui, Ellen B. Basso (cap. VI) procura ex-

plicar como as (auto)biografias compõem, na rotina dos Kalapalo (Karib, Brasil Central), momentos em que discurso e performance se unem para estruturar relações interpessoais e/ou interétnicas. A autora nos apresenta como através da poética e da estruturação dialógica delas encontramos descrições de como os atores/narradores decidem agir em situações de contato, como eles formulam suas motivações e quais mecanismos psicológicos podem estar em funcionamento no momento em que assumem uma postura reflexiva em face das relações sociais que travam com outros índios, com não índios ou com outras potências cosmológicas. Em seguida (cap. VII), Oscar Calávia Sáez analisa a narrativa biográfica de Gabriel Gentil – índio tukano (AM/Brasil) e escritor independente de área urbana. A vida de Gabriel, autodatilografada e nunca impressa, foi julgada lasciva e despuerada durante mais de meio século por seu conteúdo sexual e carnal. Sáez nos indica, no entanto, como seu aspecto erótico está diretamente relacionado a uma intenção política e cultural de seu autor, com profundas relações com o xamanismo tukano e tendo sido escrita para informar e dialogar com sua própria comunidade, onde Gabriel procura delimitar, mesmo que de fora, seu lugar e participação.

Por fim, a quarta e última seção (Hybridity, Dissonance, and Reflection) é uma contribuição aos que pesquisam situações em que indivíduos são levados a participar simultaneamente de diferentes esferas e contextos socioculturais. No cap. VIII, Suzanne Oakdale evidencia, através da narrativa de um líder kayabi (Tupi, norte/centro do Brasil), como as memórias pessoais indiciam momentos de dissonância e desentendimento, assim como ocasiões de ajustamento e intermediação entre lógicas culturais variadas, gerando modificações e rein-

terpretações de padrões estabelecidos. No cap. IX, Laura R. Graham estuda as narrativas de vida de jovens xavante (Gê, Brasil Central) que, a partir da década de 1970, foram mandados para escolas no interior do estado de São Paulo, expondo como eles têm lidado com as expectativas e com as transformações pelas quais passaram durante suas vidas, divididos entre cidade e aldeia. Essas biografias nos mostram processos subjetivos de crise e extrema tensão que podem resultar, em alguns casos, em projetos políticos de escala coletiva.

Por fim, Bruna Franchetto (cap. X) fecha a última seção com mais um exemplo de narrativa karib, escrevendo o obituário e analisando a autobiografia do “mestre de canções” (*eginhoto*) Nahu, um índio kuikuro (Brasil Central). Sem dúvida, este texto fornece a maior descrição das relações entre o antropólogo e seu interlocutor em todo o livro. Contando os casos e as situações de inimizade que surgiram entre ela e Nahu ao longo de sua pesquisa, a autora nos dá um exemplo de como os “brancos” e seus bens assumiram um lugar ambíguo na história da formação do Parque Indígena do Xingu, representando, ao mesmo tempo, periculosidade, possibilidade de troca, defesa e influência num contexto de reposicionamento e íntima interação de mais de dez grupos étnicos.

Deste modo, em sua totalidade, o livro tem o mérito de reunir novas e diversificadas abordagens sobre temas atuais e antigos em discussão na literatura dos povos das terras baixas sul-americanas, podendo tornar-se um material de manejo para pesquisas futuras e já em andamento na antropologia e na linguística contemporâneas. Mais do que isso, contudo, ao realçar os processos criativos e agentivos inerentes às concepções de história e de pessoa desses povos, *Fluent selves* nos mostra também que as transformações

vividas por eles e sua integração em contextos mais globais não significa "o fim dessas sociedades, mas antes demonstra a grande vastidão presente no âmago de suas existências" (:24) [no original: "the end of these societies but rather demonstrate the very openness at the core of their existence").

DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p471>

PRICE, Richard. 2013. *Fesiten. La Roque-d'Anthéron: Vents d'Ailleurs. 252pp.*

Rogério Brittes W. Pires

Doutor em antropologia pelo PPGAS/MN/UFRJ

Uma tradução nem sempre acompanha um projeto político e epistemológico. Boa parte das versões em novas línguas visa tão somente ampliar o escopo de leitores, não necessariamente gerando efeitos retroativos sobre a obra inicial. Não é o caso de *Fesiten*, de Richard Price. Ao verter seu *First-time* para a língua dos saamaka do Suriname, povo acerca do qual trata, o autor dá continuidade a um projeto de experimentação etnográfica iniciado há mais de 30 anos.

First-time é hoje considerado um clássico contemporâneo da antropologia pós-moderna e dos estudos afro-americanos pela maneira inovadora com que tratou as narrativas históricas saamaka. Colocando-as lado a lado com fontes documentais e comentários do autor, criou um diálogo polifônico acerca dos momentos fundadores desta sociedade *maroon* (quilombola), sobre memória, oralidade, ancestralidade, escravidão, guerra e etnogênese. Trabalho primoroso, rico em detalhes, fruto de intenso esforço de pesquisa com história documental e oral.

Desde o lançamento do livro em 1983, Price experimenta com a narrativa etno-

gráfica, fugindo dos modelos da chamada etnografia modernista. Dentre suas publicações estão *Alabi's world* (1990), continuação de *First-time* que trata da história saamaka entre 1765 e 1813, acrescentando à polifonia do livro anterior vozes de missionários moravianos alemães. Em *Two evenings in Saramaka* (1991, com Sally Price) reproduz *ipsis literis* e comenta gravações de duas vigílias funerárias em 1968, durante as quais o foco são os relatos míticos (*kontu*). *Equatoria* (1992, com Sally Price), inspirado em Michel Lieris, acompanha de perto os diários de campo de uma expedição feita pelo casal em 1990 pela Guiana Francesa, coletando objetos de arte maroon para um museu antropológico regional então em construção. *The roots of the roots* (2003, com Sally Price) retoma a questão dos diários de campo, lendo com atenção documentos de Melville Herskovits relativos às suas expedições ao Alto Suriname na década de 1920. *Travels with Tooy* (2008), de narrativa não linear, apresenta anos de diálogos com seu informante privilegiado, Tooy, um *obiama* (especialista nas artes mágicas) que lhe ensina história, linguagens esotéricas, espíritos e muitos outros temas. Recentemente, em *Rainforest warriors* (2011), o autor faz uma espécie de etnografia de sua participação como perito num julgamento acerca de questões fundiárias, levadas à Corte Interamericana de Direitos Humanos pela VSG (Associação de Líderes Saamaka) contra o governo surinamês.

A obra de Price propõe diálogos entre formas narrativas saamaka (históricas, míticas, artísticas, sobrenaturais, políticas) e dispositivos do fazer antropológico (diários, gravações, etnografias, conversas, coleções, arquivos, laudos), instigando questões fecundas acerca do povo que estuda, das populações afro-americanas e afro-caribenhas, e acerca do *métier* do antropólogo. Dentre seus experimentos